

Sobre a configuração do “bom homem” n’A máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe

On the configuration of “good man” in the Spanish making machine, by Valter Hugo Mãe

Wellerson Batista de Lima

Graduando do 7º período de Letras pelo Campus Avançado de Patu – CAP da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAP/UERN).

E-mail: Wellerson.batista100@gmail.com

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Doutoranda em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB), professora Assistente I da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAP/UERN).

E-mail: annietarsis@gmail.com

Resumo: Este artigo objetiva analisar como o narrador-personagem silva, no romance *A máquina de fazer espanhóis* (2011), dá voz aos sentimentos de inconformidade e remorso, que partindo dele (silva) ganha o corpo da coletividade portuguesa, ocupando um “entre espaço” na grandiosa e decadente nação, entre o antigo e o moderno, o passado e o presente. Frente ao imbricado contexto político que passava a Europa no início do século XX, e suas consequências de ordem ideológica, que culminaram na instalação de regime ditatorial em Portugal, o Estado Novo, nossa análise deságua na ética da escrita ensaiada por silva protagonista em sua rememoração, o artifício de revisão do passado para leitura do presente, defendemos, torna-se uma crítica consistente à democracia. Tais empresas teóricas formam o olhar hermenêutico deste estudo: Torgal (2000), referente à concepção da Europa como o Ocidente a ser defendido, tornando-se um dos fundamentos para impor tirania; Birmingham (2015) e Lourenço (2001), acerca das consequências da ditadura no espírito e no imaginário do país, já distante de uma economia competitiva; e Klinger (2014), para refletirmos o sentido da escrita para silva e como isto se torna uma abertura para repensarmos questões político-econômicas portuguesas, e em maior escala, ocidentais, engendrando, assim, uma ética da escrita.

Palavras-chave: Silva. Ditadura. Escrita.

Abstract: This article aims to analyze how the narrator - character silva, in the novel *The Spanish making machine* (2011), gives voice to the feelings of nonconformity and remorse, that starting from him (silva) gains the body of the Portuguese collectivity, occupying a "between space" in the great and decadent nation, between the ancient and the modern, the past and the present. Due to the imbricated political context that Europe was experiencing at the beginning of the twentieth century, and its ideological consequences, which culminated in the establishment of a dictatorship in Portugal, the Estado Novo, our analysis lapses into the ethics of writing rehearsed by silva, protagonist in his remembrance, the artifice of revision of the past for reading the present, we defend, it becomes a consistent criticism of democracy. Such theoretical enterprises form the hermeneutic view of this study: Torgal (2000), referring to the conception of Europe as the West to be defended, becoming one of the foundations to impose tyranny; Birmingham (2015) and Lourenço (2001), about the consequences of the

dictatorship in the spirit and the imaginary of the country, already distant from a competitive economy; and Klinger (2014), to reflect the meaning of writing to silva and how this becomes an opening for rethinking on Portuguese political and economic issues, and on a larger scale, Western, thus engendering an ethics of writing.

Keywords: Silva. Dictatorship. Writing.

1 Introdução

Para se analisar o narrador-personagem antónio jorge da silva, do romance *a máquina de fazer espanhóis* (2011), do escritor português valter hugo mãe, é preciso focarmos nos traços ideologicamente marcados na narrativa, bem como no modo com que reflete a coletividade da nação, ambos marcados por um contexto político europeu e português conturbado, concomitante a ditadura salazarista. Dessa forma, intentamos perceber as nuances na forma como o narrador autodiegético faz ecoar não somente sua voz, mas a de toda uma coletividade ante as marcas do retrocesso decorrentes do regime salazarista e do embuste de democracia que vigora em Portugal nos dias atuais.

A discussão inicia-se com as perspectivas das formulações teóricas de Torgal (2000) a respeito do contexto de enfrentamento político no qual o povo português passava, no que diz respeito às influências e justificativas dadas pelo próprio sistema ditatorial, que tinha em Salazar a voz que ditava os interesses e os rumos do país, e as consequências de uma política externa que de fato representasse seus interesses na comunidade internacional.

Posteriormente pautamo-nos nas discussões de Birmingham (2015) e Lourenço (2001) para discutirmos o sentimento português frente ao paradoxo de nação mercante, colonizadora, e sinônima de progresso *versus* uma nação resumida a *status* de coadjuvante em um novo cenário político onde não compreende o espaço que lhe foi reservado. Essa discussão constitui a primeira parte deste artigo, respectivamente, na segunda parte, discutiremos como o sentimento de invalidez, da total falta de rumo faz surgir em silva uma consciência crítica que, no fim na vida, faz ecoar a voz da coletividade de uma nação, nação esta que se submeteu a Salazar e as suas retóricas ideológicas, levando ao fracasso e ao abismo os portugueses, especialmente no aprisionamento das liberdades individuais, onde viram seus ingressos nas Caravelas do livre-comércio negados.

O artigo termina com a ponderação sobre a ética da escrita do sr. silva, que em seus jogos temporais permeia um passado ainda por ser repensado criticamente e um presente cheio de aproximações com o regime salazarista, em ambos os momentos lhe faltam dignidade e liberdade. Por isso, trata-se de uma ética da escrita configurada a partir não só do luto da morte de laura, sua esposa, mas também da morte do silva cidadão que poderia ter lutado contra a repressão em outro tempo. A partir dessa discussão vemos como as questões anteriores se enovelam na escrita de sr. silva para encenar um meio de lembrarmos os jogos de poderes grotescos presentes em todos os sistemas políticos, sendo preciso fabricarmos uma ruptura do eterno retorno ditadura-revolução.

2 Pela defesa da “minha” Europa

A construção de uma nação é imbricada por diversos fatores sócio-históricos, seja de origem política, econômica, religiosa, dentre outros, que acabam por contribuir para o seu desenvolvimento, ou o seu regresso, e, a depender do poderio influenciador de tais fatores, podem burlar fronteiras e transformar outros povos através do seu progresso. O surgimento, a criação e a queda desses coeficientes dão rumo ao senso de identidade partilhada por todos que a compõem.

A soma desses e outros tantos coeficientes enveredaram para a criação de uma nação, localizada na zona ocidental da Península Ibérica, chamada Portugal. Em meio à extensa história desse país me detenho a um período específico, entre as décadas de 30 e 70 do século XX, e a um homem, Salazar.

Instaurou-se no país lusitano nesse período um governo de cunho ditatorial encabeçado pela figura de Salazar, em uma época de inconstância política em toda a Europa, as sequelas da grande crise de 29 e com surgimento de regimes fascistas por todo o continente abalaram as democracias em diversos países europeus. Para Torgal (2000), a ditadura portuguesa buscava uma diferenciação, uma singularidade em detrimento a outros governos totalitários europeus, como o fascismo italiano de Benito Mussolini, argumento utilizado pelos pró-regime e pelo próprio Salazar.

Portanto, para Salazar que admirava Mussolini, a ponto de ter sua foto na mesa de trabalho e de ter preparado uma sua foto com dedicatória dedicada a *Duce* quis salientar o caráter próprio do sistema, considerando a ainda existente ditadura, saída do 28 de maio, embora a dar o passo decisivo para o novo regime, como uma forma de autoritarismo “moral”, ao passo que entendia o fascismo como uma ditadura “amoral”, “maquiavélica”. (TORGAL, 2000, p. 314)

Existia uma forte argumentação por parte dos salazaristas que o regime tinha suas singularidades e motivações próprias e inclusive restritas ao contexto político português. Torgal (2000) salienta para a própria argumentação/justificação de Salazar ao usar palavras de Mussolini: “o fascismo é um produto típico italiano como o bolchevismo é um produto russo. Nem um nem outro podem transplantar-se e viver fora da sua natural origem”. Sob esse ponto de vista, o Estado Novo é um “produto” típico português, mas, para Torgal (2000), vale ressaltar o contexto político e pontos em comum com outros sistemas fascistas no continente, principalmente no que diz respeito a seu teor antidemocrático.

Para Torgal (2000), as grandes crises econômicas e políticas que culminaram para a primeira guerra a nível mundial provocaram um esfacelamento das democracias no continente nesse período, contribuindo significativamente para a base de criação e até de justificação de tais regimes totalitários. Segundo Torgal (2000), tais regimes tinham pontos em comum, dentre eles, a sua visão de Europa, com o simbolismo de nível ideológico que viam o continente.

Para melhor entendermos essa situação, devemos notar que, para Salazar e para toda uma vasta e multifacetada linha de pensamento europeísta de sentido tradicional, “Europa” não significa propriamente um continente, nem uma

estrutura econômica e muito menos uma estrutura política supranacional, mas um “patrimônio cultural”, marcado pelo cristianismo, por valores éticos e jurídicos assentes na tradição. (TORGAL, 2000, p. 317)

Sendo assim, temos a influência/justificativa para a instauração de um regime (o Estado Novo) em países como Portugal, muito outorgada em uma posição ideológica defensiva, pautada na manutenção de certos rumos culturais, numa espécie de criação de aprisionamento do *status* político desejado, que mantivesse a visão do salazarismo da tradição europeia. Segundo Torgal (2000), a partir da compreensão desses conceitos de Europa, parte-se para um conceito de “ocidente”, a proteção a todo custo de sua manutenção política.

Mas objetivamente qual seria a grande intimidação da ditadura de Salazar? O que ameaçava sua posição ideológica frente ao país e continente desejado? “...entre as duas guerras e, sobretudo, com a vitória comunista na Rússia, e o avinhar da segunda guerra mundial, tem a idéia de que a Europa, ou, mais vastamente o “Ocidente”, está em crise de morte...” (TORGAL, 2000, p. 314). Para tanto, há a necessidade do fortalecimento dos sistemas políticos e religiosos que formam o conceito de “Ocidente”, justificada na criação e na preservação de regimes antiliberais e antidemocráticos, como o Estado Novo português, na sua “luta” contra a ameaça comunista que a cercava.

O Estado Novo significou para Portugal um enorme esfacelamento das liberdades individuais, a impossibilidade de escolha democrática de seus representantes, assim como um enorme atraso a nível intelectual e econômico, e um grande distanciamento do novo mundo moderno do pós-segunda guerra mundial encabeçado pela América dos Estados Unidos, que elevou a outro nível o conceito de “Ocidente” dos salazaristas. Para Torgal (2000), a ideia de reintegração devido aos acontecimentos da I República foi perdendo força devido a outras nações democráticas tomarem posições opostas ao pensamento ditatorial de regimes como o de Salazar, avinhavam para um rumo solitário do Estado Novo português.

Segundo Torgal (2000), Salazar via-se cada vez mais isolado em sua política, criou para si e para o seu povo um pensamento reconfortante diante da solidão de Portugal no continente. “Salazar foi, assim, criando a idéia de que Portugal possuía o seu próprio “espírito”, o que explica, à distância, a sua famosa expressão ‘orgulhosamente sós’ (TORGAL, 2000, p. 321). O orgulho da solidão levou Portugal ao atraso e ao desmoronamento da nação diante de um novo mundo, que já via com maus olhos a manutenção de colônias, bem como a continuação de regimes ditatoriais. Para tanto, não compreendia, não localizava onde estaria seu espaço ante esse novo contexto político global, pagando um preço alto por isso, tornando-se orgulhosamente retardatários e sós.

3 O abandono da “Nave Portugal”

O recesso do contato português com a nova configuração política global suplantou as expectativas de um Portugal mais desenvolvido até um futuro próximo, o país não conseguia acompanhar “os novos ideólogos que acreditavam que os negócios,

e não o Estado, seriam os mais confiáveis fornecedores de serviços que haviam faltado em Portugal por tanto tempo” (BIRMINGHAM, 2015, p. 219). O distanciamento do novo, do desenvolvido, e, não menos importante, do futuro, provocou uma ferida no espírito português, que antes fora grande com o seu expansionismo marítimo.

A ditadura salazarista com todo o seu isolamento político e econômico acabou por acarretar um retrocesso gigantesco, Portugal foi impedido de acompanhar e entender esse livre mercado e o expansionismo cultural liderados pelos EUA. Ainda apregoados ao fortalecimento massivo do Estado, continuavam agarrados as suas colônias como garantia de um futuro mais decente, enquanto os EUA conquistavam cada vez mais territórios sem subjugar nenhum povo, utilizando-se apenas da expansão de sua cultura por outras vias, como o cinema, por exemplo. A construção do império marítimo português foi realizada a duras penas com uma duração de séculos, enquanto o mundo falava a língua e vivia como os americanos (*American way of life*) em poucas décadas.

O brio português foi enveredado na exploração marítima e na conquista de novos mundos, levando sua cultura e sua língua para além-mar, marcou o imaginário e o espírito do povo português, que olha para o passado como a marca do seu furor, construindo uma identidade de potência europeia, que doravante não pertenciam ao presente e nem ao passado, mas seriam eles mesmos o futuro. Para Lourenço (2001), Portugal foi o pioneiro nessa aventura em mares desconhecidos que logo arrastaria boa parte na Europa em seus sonhos. “Simbolicamente, esse empreendimento de caráter planetário receberá os belos nomes de ‘expansão’, de ‘conquista’, de ‘colonização’” (LOURENÇO, 2001, p. 45)

Ainda segundo Lourenço (2001), essa exploração de novos territórios ainda não se adequava ao termo emigração, assemelhando-se a uma migração de uma nova espécie. “A procura de uma melhor sorte fica assinalada pelo desejo de um regresso a casa, como a busca, mítica, de Ulisses”. (LOURENÇO, 2001, p. 46). Não havia, portanto, uma emigração, mas uma apropriação dos novos espaços, uma colonização, no sentido de uma trazer consigo uma nova sorte ao regressar ao porto, como vê-se:

Chamavam-lhe a “nave dos loucos”. Nós não éramos nem excluídos nem malditos, mas apenas um povo, outrora mediador entre o Ocidente e o Oriente, um pouco entorpecido e quase contente de estar ao largo da Europa, apetece imaginar que a “nave Portugal”, a das gentes que emigram ou das que ficaram no lar, se encontra de novo em casa nesse porte de sonho do pintor da Flandres, onde a Europa tem dificuldade em vencer os seus demônios. E sobretudo que o nosso velho navio ressuscitado voltou ao porto sem soçobrar como Ícaro, que já Camões evocara como símbolo dos que sonham aventuras maiores do que eles. (LOURENÇO, 2001, p. 54).

Portugal quando perde suas colônias deixa de ser um país colonizador para tornar-se emigrante. “Paradoxo supremo, os portugueses sentem então na carne que Portugal é um país de emigrantes. E mesmo um pouco mais: um país que, por assim dizer, emigra”. (LOURENÇO, 2001, p. 54). É o paradoxo do filho que saiu do porto na busca da glória e da grandiosidade de sua terra há séculos, mas que agora irá partir, na fuga do desespero de uma nação que se volta para o passado, o escape do filho que

agora emigra para a construção de nações do futuro. É nessa nostalgia de um passado de glórias e o esfacelamento da esperança de vislumbrar um futuro que Salazar deixa Portugal em uma espécie de fronteira, no seu tão sonhado isolamento “protetor”, onde existe uma nau amaga, de um futuro maior do que eles.

4 O “bom homem” salazarista

O romance *a máquina de fazer espanhóis* (primeira edição em 2011 e segunda em 2016) retrata a vida do personagem antónio silva, que já na velhice perde laura, sua esposa, e é mandado pelos familiares para viver no asilo *feliz idade*, onde ele vai conviver com outros idosos. silva torna-se inconsolável com a situação e com o desprezo da família ao abandoná-lo em um asilo no momento mais difícil de sua vida. É na velhice que silva rememora a época da ditadura salazarista e reconhece o período como o grande mal na vida dos portugueses e de como foi difícil sair das amarras do sistema ditatorial, amarras essas que deixaram marcas profundas na identidade do português, e são essas marcas que silva irá rememorar ao longo da narrativa.

Ainda no hospital a espera de notícias de laura, antónio silva conhece outro silva, e é no diálogo entre os dois que a narrativa começa a revelar o passado e suas marcas na identidade do cidadão português, o outro silva se revela um sujeito apregoadado à ideia de uma união europeia e do se ter vizinhos ricos e importantes:

...seremos sempre bons homens, nós, os portugueses, somos mesmo, ponha isso na sua cabeça, colega silva, e a mim ninguém me apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou um silva da europa, isso é que ainda há muitos que não o são, só porque ainda não o aceitaram ou não o perceberam, mas, sabe o que lhe digo, é inevitável, vai chegar a todos, é tempo, é tempo, um dia seremos cidadãos de um mesmo mundo, iguais, todos iguais e felizes nem que seja por obrigação, estamos a alastrar, como nos compete, e um dia ainda deixaremos de ser silvestres, agrestes, isso de ir como o mato, porque estaremos cada vez com melhores maneiras, sofisticados e cheios de nuances de interesse, subtilezas como as que assistem aos grandes caracteres, um dia, caramba, estaremos até cheios de razão. (MÃE, 2016, p. 27)

Temos, portanto, a primeira problematização da identidade portuguesa, Silva da Europa, em seu posicionamento, nos mostra a ideia de um orgulho português que nos remete majoritariamente à nostalgia imperial e que, com a atual posição geográfica no mundo, advinda dos acordos político-econômicos, traz a ideia de um país circundado e acolhido por uma vizinhança ilustre, fazendo de Portugal um lugar favorecido, não podendo ser mais submisso, diminuído e empobrecido por sua atuação e situação social, por isso é preciso um Portugal que tenha orgulho por estar incluído na célebre União Europeia, uma vez que, para o Silva europeu, esta é a possibilidade mais próxima que Portugal tinha de exercer, efetiva e energeticamente, o espírito e o ânimo do poder e do progresso de outrora, com o rompimento e o fim do elo eterno de um império expansionista e visionário.

O apego de Silva a esse favorecimento geográfico nada mais é que um grito de inconformidade com uma inércia na qual Portugal foi mergulhado por meio do Estado

Novo, um ideal de conformidade com a situação do país, a não reivindicação de uma nação poderosa e conquistadora, o simples desprezo e a falta de ação foi impregnado no sujeito português, como foi feito através de uma política de controle totalitária, até mesmo no pós-Revolução de Abril, com a permanência desse espírito pessimista ante os rumos do país mesmo em momentos democráticos da história.

Todavia, é um sentimento majoritariamente ocorrido em um contexto de ditadura salazarista revisitado na lembrança de antónio silva não só da sua fase adulta, mas também é um sentimento presente na sua velhice, no *feliz idade*, onde temos um contexto político democrático. A ruptura buscada não é, portanto, com um sistema político, seja ele ditatorial ou não, mas uma quebra com o jogo ditadura-revolução, onde não existe melhoria significativa na sociedade, é necessária uma ruptura com esse sentimento infeccioso e corrosivo do sujeito português. Esse sentimento pusilânime é retratado na narrativa por meio das lembranças de antónio silva, ao se reconhecer como um sujeito pacífico ao longo de sua vida:

somos bons homens. não digo que sejamos assim uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons homens e ainda conservamos uma ingénuo vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhadores. (MÃE, 2016, p. 25)

Percebemos na voz de antónio silva justamente o argumento do Estado Novo para a justificação da falta de movimento e avanço do país, o ideal do ser bom, um cidadão de bem, um bom homem, que cumpre as leis e obedece ao governo de seu país, pouco importando se é um governo totalitário ou não. O ideal de bom homem, que vai à missa aos domingos, que trabalha para o sustento básico da família, que não se mete em confusões e que, principalmente, é honesto e trabalhador, grandes virtudes impostas pela ditadura salazarista, uma espécie de tipificação da nação, que se tornaram marcas da identidade do povo português, e mesmo ao ver o país na lama ainda tem orgulho da honestidade e do conformismo com a situação decadente de toda uma nação.

Comportamentos e condutas foram arraigados nos portugueses ao longo do regime ditatorial, os pilares de sustentação do emprego dessas normas comportamentais estão presentes no lema do governo de Salazar: Deus, Pátria e Família. Na voz de antónio silva percebemos a presença dessa base comportamental em sua vida, já no *feliz idade*, abandonado, rememora o período do casamento e a construção da sua família, assim como a interferência do sistema ditatorial na sua vida:

e foi assim que nos casámos, cheios de vivacidade e entrega ao futuro num país que se punha de orgulhos e valentias. quando as crianças daquele tempo estudavam 1 lá Ia ri lá lá ela ele eles elas alto altar altura lusitos lusitas viva salazar viva salazar, toda a gente achava que se estudava assim por bem, e rezava-se na escola para que deus e a nossa senhora e aquele séquito de santinhos e santinhas pairassem sobre a cabeça de uma cidadania temente e tão bem comportada, assim se aguentava a pobreza com uma paciência endurecida, porque éramos todos muito robustos, na verdade. (MÃE, 2016, p. 94- 95)

Constata-se a interferência da ditadura no comportamento dos cidadãos, antónio silva narra o estado de covardia no qual Portugal estava submetido e o modo de agir dos cidadãos, um agir inconsciente e ingênuo, numa interferência nítida na educação, toda uma base ideológica configurada para que indivíduos não esboçassem reações, um conformismo com a falta de perspectivas, para suportar o feto de uma pobreza eterna e um papel de coadjuvante para membros de uma nação que já fora a maior do mundo.

Nas memórias de antónio silva percebemos as marcas desses processos no seu espírito e no de toda a nação, somente na velhice o senhor silva observa com mais clareza o seu comportamento diante daqueles tempos tão difíceis, uma vida inteira emergido na figura de um homem português estereotipado a maneira de um padrão “salazariano”, apenas um bom homem.

A morte da esposa e o fato do filho não ter comparecido ao enterro da mãe são acontecimentos que geram gatilhos, e, ao olhar o passado, eles são acionados, observando com mais clareza os seus atos e a própria desconstrução do lema que ditava toda uma base de conduta, arraigados à percepção dessa identidade tipificada fermentam esse lamento e a raiva por ter isso agente dessa construção ideológica.

É nessas sucessões de fatos e na figura de um episódio específico que antónio silva se percebe como um indivíduo submisso, que nada fez por sua nação, que assistia ao seu esfacelamento, um processo de auto percepção dolorido e pesaroso, uma compreensão da reta de chegada da vida, do que passou e não pode ser refeito, ressignificado, daquilo que não foi feito e jamais será, no interlúdio da tomada de noção e da não aceitação dos fatos, é onde se encontra antónio silva, justamente na velhice cansada, onde observa o horizonte triste com “o fascismo dos bons homens”¹.

A lembrança de antónio silva nos traz o episódio em que se encontrou e o refugiou na sua barbearia um suspeito que estava sendo perseguido pela PIDE, a polícia que reprimia qualquer atitude contra o estado soberano. Vê-se que até então estava levando uma vida normal e o encontro com esse jovem, que toma atitudes contra a ditadura que ele próprio gostaria de tomar, o faz ver a possibilidade do espírito de revolução, de uma coragem em lutar pelo seu país, de uma coragem que lhe faltava, então, através desse jovem, vivia o espírito de conspiração:

entrei em casa como se nada fosse e não disse palavra à laura sobre o assunto, o seu coração humano entenderia talvez o gesto, mas os filhos já dispostos à mesa, tão pequenos e a exigir segurança e sustento, davam-lhe medos e prudências para tudo. preferiria, tenho a certeza. que nunca nos arriscássemos a nada. era o modo que tinha de fazer a sua parte pelo mundo, não bulir com coisa alguma, não arranjar nem querer confusões, por isso não gostava que eu discutisse com ela as coisas da política, queria que a política não fosse um assunto lá de casa. (MÃE, 2016, p. 145-146)

A prerrogativa de não se meter em confusões, a preocupação com a segurança da família, manutenção de um dito bem-estar, e a eterna paciência na espera de um futuro incerto são alguns os motivos que contribuíram para a inércia de antónio silva e

¹ Título do capítulo um de *a máquina de fazer espanhóis* (2011).

de muitos outros diante do contexto socioeconômico daquele período. A resignação e a paciência com a vida que tinham os portugueses foram algumas das armas que o Estado Novo usufruiu para a manutenção de um governo totalitário, uma população conformada com o que via e ouvia de seus governantes. Era campo fértil para o surgimento de homens como Salazar.

Mesmo com sua sujeição eminente, silva mostrava que dentro de si ele tentava apresentar um ar de superioridade, mostrar a todos que ele não temia a situação vivenciada e era de fato um homem corajoso, mas esse sentimento era sufocado pelo movimento que estava instaurado no país. Em um dos trechos da obra, silva chega a cumprimentar esse homem que apresentava ideias contrárias ao regime salazarista:

eu disse, bom dia. cumprimentei com um bom dia um criminoso do regime e selava daquela maneira um crime que cometia eu também, eu ajudava o diabo, claro que estava aterrado, mas, ao menos uma vez, ao menos ali, pudesse eu estar para além da merda de homem amorfo que fora e superar as minhas expectativas, levar um pouco adiante um orgulho de ser mais do que português, ser pelos portugueses, ser pelas pessoas, por todas as pessoas que tinham naturalmente todas as maneiras de pensar e só assim devia ser. (MÃE, 2016, p. 147)

Percebe-se que silva não aparentava estar satisfeito com a sua condescendência, era uma espécie de contradição dentro de si. Um duelo entre o homem responsável, detentor da sua família, *versus* o inconformado com os desdobramentos do poder político vigente na época. Ele nutria um diálogo com aquele homem para poder alimentar a sua ânsia por movimento e revolução, como se aquela ação, mesmo que secreta, fosse uma espécie de grito interno contra tudo que oprimia a sua vontade de servir efetivamente a sua pátria.

E esse encontro não se limitou apenas a um, silva constituiu um convívio com o homem, que eventualmente ia à sua barbearia cortar o cabelo, e nas conversas entre os dois demonstrava toda a sua visão política acerca do contexto político e das consequências maléficas que a ditadura provocava no país:

vinha por ali cortar o cabelo e, quando podia, enchia-me a cabeça de propaganda antifascista, eu proibira-o de ali pôr os pés com algum panfleto ou folheto ou livro ou o que fosse que o incriminasse ou me incriminasse a mim. era uma covardia típica da laura, para pensar nos filhos e no futuro, ele obedecia escrupulosamente, profundamente agradecido pelo meu gesto. (MÃE, 2016, p. 148-149)

Mas, nas conversas com aquele homem, embutiam-lhe o próprio silva justificativas para o seu pacifismo político ante a situação delicada que o país passava, dizia consigo que a sua passividade se justificava pelo elo com a família e pela necessidade de buscar o sustento diário sem meter-se em problemas mais sérios, atribuindo a culpa a sua esposa, dizendo que a covardia era dela, não dele. Os encontros com aquele homem mudaram a percepção de silva sobre a ditadura, via através do homem uma coragem que não possuía, uma posição firme ante os

problemas que não exercia, uma necessidade e um dever de servir, de ser pelos portugueses, algo que não compreendia.

O exercício do dever do “bom homem” aliado às responsabilidades para com a família e o seu sustento, atrelado ao seu não interesse em agir energicamente contra tudo que oprimia o desenvolvimento e a liberdade individual dos cidadãos daquele país, com grande parte dessa carga de inatividade atado ao dever de ser tudo aquilo que o governo gostaria que fosse, um bom homem, que entedia o seu espaço, na ociosidade total:

promoção da beleza de se ser pobrezinho, é um casamento perfeito, o político que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos, com a igreja que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos, mas, quer o político, quer a igreja, dominam ou podem dominar o fausto, não é brilhante, isto inventado seria mentira, ninguém teria cabeça para inventar tal porcaria, só sendo verdade mesmo, sabe, senhor silva, é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre, é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos se recordem como foi que um dia um só homem quis ser dono das liberdades humanas, para que nunca mais volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente, este tem de ser um nome de vergonha, o nome de um porco, para que ninguém, para a esquerda ou para a direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres, e eu respondia-lhe, cala-te, miúdo, ainda me arranjas umas férias nos calabouços, fica calado, é um padrego lingrinhas, cínico, padrego lingrinhas, gritava ele eufórico, eu mexi-me como uma barata tonta a pôr a rádio mais alta, mas adoraria sentir coragem para me pôr ali aos berros também, mesmo exagerando, mesmo que dizendo parvoíces só pelo prazer de as poder dizer, de poder ajuizar por mim o que quisesse ajuizar, na minha barbearia, ao menos na minha barbearia, ao menos na minha casa. na minha casa e com a minha boca livre, é um porco. (MÃE, 2016, p. 151)

Toda essa carga emocional lhe causa um remorso que é agravado pela chegada do fim da vida, onde não existem alternativas nem as possibilidades que o tempo proporciona, é na velhice que a tomada de consciência é mais pesada e dura. Toda uma vida de atribuição de encargo, por tudo o que lutou para construir fosse uma grande verdade a fim de um propósito para a sua vida, mas a retomada do decorrido se constitui em uma mentira, revela-se a farsa que ajudaria alimentar o monstro que devorava a carniça putrificada da identidade livre do sujeito português.

O embate ideológico sentido por silva é percebido através do prisma do homem que visitava sua barbearia, é nas conversas e encontros com aquele sujeito que é constatado o surgimento de um espírito de revolução, o do embate frente ao mal que o Estado Novo acometia, mesmo que diminuído pela sua responsabilidade familiar, estava presente no íntimo da consciência e nos espaços onde se acredita que estava livre.

Todavia, todo o espírito de luta e ação em oposição ao governo totalitário é quebrado quando silva toma partido, firma uma posição ante o embate político-social, quando entrega a polícia o homem que fomentava ideias e revolução e liberdade: “não voltei a ver o jovem homem que entreguei à polícia, posso, agora de velho, pensar

melhor nisso e ponderar tragicamente o seu homicídio, um homem daqueles não era de desaparecer se estivesse vivo” (MÃE, 2016, p. 193).

É na tomada de decisão e na ocupação de uma posição que o remorso é efetivado na vida de silva, o ato de contribuir e denunciar um opositor à política totalitária do Estado Novo, ajudando a alimentar uma mentira e um mal para o seu país, irá persegui-lo ao longo da sua vida e conseqüentemente agravado com a sua solidão vivida no asilo *feliz idade* diante ao abandono do seu propósito de vida, a sua família:

quando se sentava na cadeira do meu estabelecimento, e ao longo de quase uma década me confiava os planos ansiosos das forças de esquerda, eu ouvia-o com o entusiasmo leal de quem revigorava covardemente, de quem atingia o orgasmo com o pénis dos outros, como quem fazia a glória só por assistir quando a via passar na rua, apropriando-se indevidamente do que não lhe pertencia, e eu apropriei-me do entusiasmo do rapaz, fui guardando para mim a satisfação de alguma coisa estar a ser feita contra a opressão, como se eu estivesse a fazer alguma coisa contra a opressão, alguma coisa mais do que deliberadamente cortar o cabelo a um indivíduo que se recusava a baixar a guarda e a viver no enfiamento em que nos padronizávamos a todos, cortava--lhe o cabelo e bastava-me de coragem, não é estranho, pois, que pensando embora que eu fosse um bom homem. (MÃE, 2016, p. 193)

Silva ocupava um lugar vazio entre a responsabilidade familiar no encargo de cuidar dos “seus” e uma luta contra a ditadura para uma preservação do bem maior da nação, um espaço onde cria uma “micro-resistência” na figura do homem que discursava em sua barbearia ideias opostas à ditadura. Somente a sua presença e propagação de tais ideias no seu estabelecimento comercial despertava em silva um sentimento de que pertencia a esse grupo opositor, uma ocupação de um espaço que efetivamente não lhe cabia. Ao entregar o homem à ditadura, silva ocupa não somente um espaço ao lado do regime, mas também uma ocupação do remorso em seu âmago, onde persiste e se propaga seu embate individual entre o bem-estar familiar frente ao coletivo da nação, portugueses “livres” de toda e qualquer opressão a liberdades individuais.

5 Um modo de praticar cidadania: a ética da escrita em sr. silva

O capítulo catorze, intitulado “cidadãos não praticantes”, aponta para a incongruência que é vermos aspectos da lógica ditatorial ainda presente na lógica democrática. Um jogo dialético é travado e as demarcações são borradas ao ponto de não podemos diferir os sistemas políticos de forma fechada, uma vez que há extensões e conexões entre os dois. Portanto, se, à primeira vista, *a máquina de fazer espanhóis* (2016) configura uma crítica ferrenha ao salazarismo, por outra perspectiva, estende tal crítica à democracia e seu embuste.

Como podemos viver a ilusão chamada democracia? Sendo bons homens. É mais fácil ausentar-se da luta ou sofrer as tiranias quietos? Sim, é mais cômodos sermos “cidadãos não praticantes”. Trata-se de uma aporia que, se relativizarmos,

encontraremos prós e contras e por isso mesmo a necessidade em se repensar a democracia e a aplicação concreta de seus ideais. Podemos notar que a noção de liberdade na narrativa está também na escolha em ausentar-se da luta contra os fatores que dilaceram a dignidade humana, trata-se da liberdade de não querer a liberdade, esse jogo exemplifica como as noções devem ser analisadas por mais de uma perspectiva, tendo em vista os deslizamentos. Nesse sentido, é preciso cuidado, pois ser livre pode criar uma ilusão e não se ter mais consciência necessária para resistir a alguma ação que fira os direitos básicos e jurídicos do humano. Por isso silva da europa nos diz:

é o que fez a liberdade, acrescentou. *um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos.* e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. *as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias.* não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, porque parece que já nem é preciso pensar. *sabe, é como não termos sequer de pensar na liberdade.* (MÃE, 2016, p. 25)

O personagem silva da europa ao mesmo tempo que defende o *status* de europeu para os portugueses problematiza o inconsciente coletivo que vê a liberdade como um fim e por isso mesmo não há como questioná-la mais, é precisamente no embate entre os silvas que é demonstrada com clareza a quebra dos valores e urgência de revisão sobre a formação dos governos e suas organizações sociais. Então, se em liberdade maior que a vivida na repressão do Estado Novo não se faz muita coisa, ainda os portugueses são inertes. Essa conclusão atestada em *a máquina de fazer espanhóis* (2016) perfaz os atuais rumos políticos em que não dão mais conta os polos direita x esquerda, apontando para a necessidade de recriar e fabricar modos de poder mais comunitários, que representem com cuidado levando em conta as desigualdades socioeconômicas.

Dessa maneira, no centro e em torno dessas discussões está a escrita de sr. Silva, que, por meio da lembrança e vivência do luto no asilo, chega a se despir de amarras tradicionais do povo português, especialmente das engendradas pela tríade “Deus, Pátria e Família”, mas não é simples ir desconstruindo os ideais fabricados por toda uma vida, sr. silva demonstra que, a partir da desilusão e abandono da família, há outro abandono maior, por parte do estado português, que, com o auxílio da Igreja, acabou por colocar nas mãos dos portugueses o destino do país, fazendo-os acreditar na participação para melhoria do país, quando na verdade o estado estava contra a sociedade, ou, pelo menos, pouco importava se havia como o povo viver. A necessidade de ordem e melhoria colabora com o retorno do fascismo hoje, mais um modo de ausentar-se da luta e entregar nas mãos de poucos o destino da coletividade. As formações ideológicas dos personagens são bem marcadas e se misturam:

o fascismo. colega silva, ainda está cá dentro, é muito difícil tirarmos das ideias a educação que nos deram de crianças. *podemos ser todos inteligentes como super-homens, adultos feitos à maneira e pensantes livremente, mas a educação que nos dão em crianças tem amarras para a vida inteira e, discretamente, aqui e acolá os tiques*

fascistas hão de vir ao de cima. já nem nos damos conta. (MÃE, 2016, p. 103, grifo nosso)

Ora silva da europa realiza um contraponto, ora complementa a cosmovisão de sr. silva. Nessa fala podemos notar a suspensão da liberdade e sua conexão com a consciência e ação, neste caso tem-se a presença do fascismo difuso que não desaparece e está presente no cotidiano contemporâneo. E é precisamente nos modos fascizantes enraizados que precisamos atentar, alerta-nos silva da europa. A construção da narrativa por valter hugo mãe nos faz remeter ao jogo ético presente na escrita de sr. silva e nas ações e pensamentos das demais personagens.

Para Klinger, em sua discussão sobre “o que pode a literatura?” (2014, p. 40), vemos a presença da noção de culpa (esta ideia ela vai buscar em Roland Barthes) e a resposta é de que o sentido da escrita está na comunicação entre os indivíduos e a vida, que a ficção dialoga com o real e a possibilidade de distanciamento entre o escritor e a vida de seus personagens é mínima. O remorso que impulsiona sr. silva a criar uma narrativa sobre os traumas e as vivências, essa escrita é, portanto, um compromisso, uma responsabilidade mesmo que tardia. sr. silva se situa criticamente em relação ao passado e também ao presente, conta alguns dilemas individuais que se imbricam aos coletivos, eis “uma forma de existência. Ato de linguagem” (KLINGER, 2014, p. 49) que é a escrita, a direção de fuga e a presença de uma força vital presente na escrita. Sobre isso temos o diálogo entre os silvas:

está a ver, senhor silva, você tem mesmo de escrever [...] essa pode ser a sua forma de praticar a cidadania, dizia o silva da europa [...] precisamos que cada um exerça aquilo para que a natureza o dotou e que favoreça o coletivo. [...] eu sorri. talvez pudesse escrever algo, sim. talvez pudesse querer dizer algo às pessoas. calei-me um segundo e senti vaidade. depois pensei melhor. se escrevesse alguma coisa, alguma coisa que deixasse à humanidade como partilha de um sentimento qualquer, haveria de ser aterrador. gostaria de deixar um texto que os amaldiçoasse de verdade, como de mentira andam por aí tantos textos de bruxos e curandeiros. haveria de deixar-lhes um testamento de ódio a partir da morte da minha laura, para que ao menos parassem de louvar a deus e começassem a pôr nos objetivos coisas mais simples e lúcidas. (MÃE, 2016, p. 172- 173)

As motivações e os objetivos elencados acima por sr. silva trazem, em tom ressentido, uma revolta, vislumbramos conjuntamente seu desejo em auxiliar na conscientização das pessoas, sua escrita surge para ir contra a alienação por qual sofrera. Escrever torna-se imperativo, é a última maneira que sr. silva tem para ser cidadão e buscar dignidade sem receio. Mas para isso é preciso lembrarmos: “quem fomos há de sempre estar contido em quem somos, por mais que mudemos ou aprendamos coisas novas” (MÃE, 2016, p. 130). As discussões históricas, políticas, econômicas e sociais feitas por sr. silva têm um objetivo central: atingirmos outro grau para além da roda viciosa ditadura-revolução, e para isso é preciso termos consciência do nosso limite, e sobretudo da nossa potência.

6 Considerações finais

Na perspectiva da discussão acerca dos contornos políticos desenhados em Portugal, assim como em todo continente europeu, (TORRALBA, 2000), que possibilitaram a instauração de regimes de caráter ditatoriais, impulsionados pelo posicionamento de defesa do Ocidente, que tinha na Europa o seu alicerce ideológico, acabaram por fortalecer uma posição mais fechada de alguns Estados europeus na busca da criação de uma nova Europa fortalecida pelo pulso firme das ditaduras. O resultado do desastre político ocorrido na Europa, tendo em vista o posicionamento de um fortalecimento massivo na presença do Estado nos rumos econômicos, foi a da exclusão de um futuro que agora era trasladado para a América, que entendia de forma mais efetiva a participação de um livre-mercado na economia (BIRMINGHAM, 2015).

Um desastre ainda mais sentido ocorre em um Portugal puxado pelas rédeas pelo ditador Salazar, levando o país a um retrocesso da sua civilização jamais imaginado, que passa pelo imaginário dos portugueses de pertencentes a uma nação exploradora (LOURENÇO, 2001) que agora padece sem rumos em um contexto político e econômico, e sofrendo a amputação de todo o seu território marítimo, em um regresso atroz.

É na retomada ao passado do narrador-personagem silva em *a máquina de fazer espanhóis* onde encontra o peso e o dano da implementação de um regime político como o Estado Novo, silva é o canal do eco de uma inconformidade silenciada, a representatividade de um coletivo que agora exige o espaço tomado. silva é um Portugal cansado e fraco, que já na velhice sente uma interminável angústia, e que, ao olhar o passado, enxerga o poder que o determinou para um futuro incerto, um abismo profundo, onde a conformidade e o orgulho de serem honestos eram os fatores que faziam com que o país não afundasse completamente, mas flutuasse diante de um poço de incerteza e sentindo uma eterna angústia, a iminência da queda livre.

Os saberes políticos e históricos da escrita memorialística de sr. silva tornam-se uma força que se dirige aos portugueses e, de modo ampliado, aos ocidentais. Tal força de conscientização busca novos modos de vida que não sejam fascizantes, que não impulsione a política de desumanização atual, mas sim que fortaleça a dignidade e seja revés dos aspectos negativos, eis a ética da escrita de sr. silva e de valter hugo mãe.

Referências

BIRMINGHAM, David. Democracia e a comunidade europeia. In: *História concisa de Portugal*. Trad. de Daniel M. Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2015.

KLINGER, Diana. *Literatura e ética: da forma para a força*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

TORGAL, Luís Reis. O Estado Novo. fascismo, salazarismo e Europa. In: *História de Portugal*. Bauru, SP: EDUSC ; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000.